

(Des) informação sobre saúde da mulher: investigar a imprensa é preciso.

(Des) información sobre la salud de la mujer: es necesario investigar la prensa.

(Mis) information in women's health: researching the press.

Mariella OLIVEIRA¹

RESUMO: O artigo apresenta breve revisão bibliográfica sobre a comunicação da saúde, com foco em saúde da mulher na imprensa, e aponta a necessidade de monitoramento constante da mídia, dada a importância dos meios de comunicação na promoção da saúde. É importante que haja avaliação do que tem sido difundido pelos meios de comunicação, pois eles são a principal fonte de informação sobre a saúde para a população.

Palavras-chave: Comunicação da Saúde. Saúde da Mulher. Imprensa e Saúde da Mulher

RESUMEN: El artículo presenta una revisión de la literatura sobre la comunicación de la salud, con enfoque en la salud de la mujer en la prensa, y señala la necesidad de constante vigilancia de los medios de comunicación, dada su tarea en la promoción de la salud. Es importante tener evaluación de lo que se ha difundido por los medios de comunicación, ya que ellos son la principal fuente de información de salud para la población.

Palabras-clave : Comunicación de la salud. Salud de la mujer. Prensa y salud de la mujer

ABSTRACT: This article presents a review of the literature on health communication, focusing on women's health press publications. It suggests that monitoring of the media is needed, because of its importance in health promotion. The constant evaluation of the media contents is important due to these are the main source of health information for the people.

Keywords : Health Communication. Women health. Press and women health

1

INTRODUÇÃO

A mídia de massa é um dos espaços utilizados para promoção da saúde de maneira atrativa para a população fornecendo informações e tentando promover mudanças de comportamento, profissionais da saúde podem se utilizar da mídia audiovisual, impressa ou eletrônica para que as mensagens cheguem até a população, seja por meio de campanhas ou artigos de jornal.¹

A Carta de Ottawa já mencionava a mídia como um dos espaços para possibilitar a promoção da saúde, que se traduz em um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, com maior participação no controle desse processo. Ou seja, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e o acesso a informação é fundamental para que as pessoas possam tomar decisões que resultem em uma saúde melhor.²

Tratando especificamente da imprensa, ela possui um papel importante na transmissão de informações em saúde uma vez que pode tornar discursos complexos em algo mais acessível e interessante, além de ser o principal meio pelo qual as novidades chegam até o cidadão. Logo, para se ter boa saúde é preciso estar bem informado.³ Num país como o Brasil, onde os sistemas de educação e saúde públicas são frágeis, os veículos de comunicação assumem o papel de informar os cidadãos sobre novas doenças, formas de prevenção e tratamento. As divulgações jornalísticas sobre saúde podem inclusive, despertar esperança para novos tratamentos.⁴

Segundo a Organização Mundial da Saúde, saúde da mulher é o principal determinante de saúde infantil, portanto, a qualidade da saúde no futuro depende dos investimentos e conhecimento das novidades na área por parte da população, que vai discernir sobre sua saúde. Inclusive, uma das metas do milênio é melhorar a saúde materna o que pressupõe a promoção integral da saúde das mulheres.⁵ E sua saúde merece atenção não só pela possibilidade da maternidade, mas por sua representatividade e importância no cenário nacional. Atualmente, elas correspondem a mais da metade da nação⁶ e sua expectativa de vida que na primeira década do século passado era de 34,6 anos⁷ atualmente chega a 77,3 anos⁸. Além disso, com a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, elas correspondem hoje a 49,7% da população economicamente ativa⁹ e demandam grande quantidade de informações sobre sua saúde, devido a sua exposição a fatores de risco antigamente restritos aos homens, atividade sexual cada vez mais cedo e livre, e manutenção de um estilo de vida muitas vezes inadequado¹⁰, com a incorporação de hábitos e comportamentos de risco como excesso de peso, inatividade física, consumo de álcool e fumo¹¹. O artigo apresenta então alguns estudos com a temática da comunicação em saúde, e foco na saúde da mulher, e propõe a reflexão sobre que tipo de informação em comunicação e saúde da mulher tem sido difundida pelos meios de comunicação. As informações veiculadas na mídia retratam a realidade e são suficientes para promover a saúde das mulheres?

Saúde e imprensa

A informação médica e sanitária produz notícias e é um tema de evidência na mídia uma vez que grandes problemas mundiais são a ela relacionados, como a Aids, drogas e nutrição, etc 12. Shuchman e Wilkes¹³ discutiram a produção das notícias sobre saúde e destacaram o sensacionalismo, conflitos de interesse, falta de seguimento e falta de cobertura em determinadas áreas. Esses autores afirmam que jornalistas e fontes de informação em saúde são responsáveis por esses problemas, pois como a informação jornalística em geral precisa ser difundida rapidamente, nem sempre há tempo – e espaço - para se contextualizar a história. Então, as descobertas são superestimadas, as informações aparecem incompletas ou ambíguas e há até a divulgação de resultados apresentados em eventos científicos com estudos preliminares, sem deixar claras as limitações, vieses, a credibilidade das fontes, métodos utilizados ou conflitos de interesse. Isso pode ser considerado preocupante, pois as pessoas têm direito a receber informações sobre saúde objetivas, verdadeiras, válidas e contextualizadas de tal modo que possam ser compreendidas 14. Uma vez na mídia, a informação antes restrita se amplifica, e pode se tornar o centro dos debates desde as camadas menos instruídas até a academia. A quantidade de citações de artigos de um periódico médico inglês que foram alvo de cobertura do jornal The New York Times, por dez anos e os comparou com outros artigos da mesma publicação científica e que não foram transformados em notícia. Durante o primeiro ano, as pesquisas que viraram notícias receberam 72,8% mais citações em outros artigos científicos que os artigos do grupo controle, não noticiados 15. A imprensa pode afetar inclusive a direção da pesquisa, já que os governantes se inteiram muito mais das descobertas e avanços através dos meios de comunicação que dos veículos especializados 16. Então, avaliar o que a mídia divulga em saúde possibilita que se avalie em que a sociedade baseia suas discussões e decisões em saúde. É preciso considerar e ponderar que os meios de comunicação de massa não dizem às pessoas o que pensarem, mas transmitem à sociedade sobre o que pensar 17. Portanto, se a imprensa é um canal de informações em saúde para a população, é importante uma cobertura ampla e de qualidade. Porém, isso nem sempre acontece. Na literatura científica, há estudos que analisam desde a coleta de informações pelos jornalistas até a recepção (como o público percebe e se apropria do conhecimento em saúde). O trabalho de Massarani, Chagas e Ramalho 18 mostra por exemplo, que dois programas de ampla audiência na TV brasileira, o Fantástico e o Jornal Nacional, dão atenção aos temas de saúde e medicina com regularidade, contextualizando os temas apresentados e utilizando estratégias para atrair a atenção do público espectador. Outro tipo de abordagem para se avaliar os conteúdos em saúde consistem em localizar um assunto e buscar os vieses de cobertura jornalística. O discurso da mídia em relação a Aids, por exemplo, foi tema de artigos científicos 19-20. No primeiro, foi analisado o discurso das duas principais revistas nacionais semanais do Brasil na década de 1980 e 1990. O segundo questionou o papel da mídia diante da doença e a representação da mulher nos textos. Foi a mídia quem anunciou o aparecimento dessa nova doença para o público e os jornalistas reconhecem-na por si só como notícia 21. Em relação a outras doenças, foram apontadas limitações a serem consideradas como o fato de a imprensa nem sempre recorrer a especialistas nacionais preferindo fontes internacionais

para legitimação do assunto saúde ou cobrir somente a doença em si, em detrimento da prevenção 22-23.

Outro aspecto da saúde pautado na mídia é o fator nutricional. Nesse caso, o que é informado nem sempre representa a verdade ou o texto jornalístico é conduzido somente por interesses econômicos 24-25. Isso também é notado na cobertura da área de medicamentos. A maioria da população acaba se automedicando, influenciada pelos meios de comunicação e há um descompasso entre o que é publicado na mídia e o perfil epidemiológico do consumo de psicotrópicos no país 26. De acordo com Lefèvre, a imprensa prepara o leitor para a “consumização da saúde” 27. Xavier afirma que faltam mecanismos de avaliação de impactos sobre o que a mídia faz circular a respeito de saúde e aponta a necessidade de metodologias que avaliem o impacto na área da comunicação e os instrumentos de comunicação em saúde 28. “O interesse jornalístico definido pelos “valores notícia” pode em alguns casos coincidir com as carências de informação da saúde pela população, mas em muitos outros casos a agenda puramente jornalística pouco oferece nesta direção” 29. De fato, a realidade construída pela mídia contempla assuntos de saúde, mas há um descompasso entre o que será útil à população e o que realmente é publicado 30.

Imprensa e saúde da mulher

Quando a análise centra-se em temas específicos em saúde da mulher, o resultado mostra disparidades entre as prioridades de publicação e a realidade. Nos Estados Unidos, chama a atenção estudo que acompanhou dez anos de revistas femininas observou que a maior parte delas focava o tema saúde em dieta, exercícios e nutrição em detrimento de outros temas relevantes 31. A cobertura nesse país em 1997, nem sempre coincidiu com os temas das principais revistas médicas nem com a epidemiologia ou as preocupações femininas 32. Na Europa, amostra dos principais jornais espanhóis entre 1997 e 2001 também traz um predomínio de textos sobre sexualidade, beleza, estética e fitness fazendo relação à mulher, e pouco debate de outros temas 33. No país, observou-se ainda que nos textos sobre saúde, mesmo com a imensa maioria de mulheres dentre os profissionais desta área, as vozes são predominantemente masculinas, assim como os cargos de gestão das empresas de comunicação 34. O mesmo ocorre em Portugal, país em que há diferenças expressivas na abordagem entre homens e mulheres, na cobertura de saúde. Em quatro anos de análise de três importantes jornais, abordagem sobre saúde é predominantemente negativa, com fontes em sua maioria masculinas as mulheres falam menos de 20% das vezes ao longo destes quatro anos e meio de análise. os autores recomendam que se ouçam mais mulheres 35. Publicação norte-americana editada em 1996, intitulada *Evaluating Women’s Health Messages: A Resource Book*, traz diversos artigos como o que relata como a histerectomia foi apresentada pelos meios de comunicação de forma ingênua, com linguagem entusiasta sem destaque aos riscos e efeitos colaterais. Esse autor analisou jornais e revistas de 1986 a 1992 e relatou que há desequilíbrio entre benefícios e riscos desse procedimento de retirada do útero 36.

O mesmo aconteceu com o tema relacionado às tecnologias reprodutivas, pois a imprensa

americana no período, deixou os leitores pouco informados sobre procedimentos mais baratos e menos invasivos que a fertilização in vitro, sem trazer muita informação sobre riscos, além de mascarar o alto custo do processo 37 . Outros temas como menstruação e menopausa tiveram relevante cobertura na mídia americana no início dos anos 90, porém, a imprensa retratou o ciclo menstrual mais como um problema a ser tratado com medicamentos que como um evento natural, apegando-se mais as más notícias 38. E essa disparidade entre o que é publicado e a realidade não é nova. Estudo afirma que, no início do século 20, a agenda higienista para medicalização do parto em Salvador - BA , se utilizou da veiculação de notícias nos jornais e revistas com êxito. A imprensa baiana contribuiu para o processo de aceitação da Maternidade Climério de Oliveira na sociedade, com publicações que exaltavam a imagem dessa Maternidade, além da facilidade de acesso, eram feitas com frequência, numa cruzada promovida pela Faculdade de Medicina para ‘civilizar ‘os hábitos das mulheres. Porém, apesar de a maior parte das mulheres atendidas ali serem negras e pardas, na imprensa, se publicava imagens de mulheres brancas como o público comum da maternidade 39.

Na década de 90, foi desenvolvido no Canadá um instrumento, Index of Scientific Quality (ISQ) 40, validado na Argentina 41 e cujo questionário preliminar foi usado também na Espanha 42. Nos dois estudos, descobriu-se uma baixa qualidade científica das informações em saúde. No Brasil, este questionário foi adaptado para o português 43 e analisado em textos sobre a saúde da mulher na imprensa, observando qualidade científica moderada das informações de saúde nas três principais revistas semanais 44. O trabalho da Comissão de Cidadania e Reprodução trouxe análises dos principais jornais da imprensa brasileira, O Globo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Jornal do Brasil sobre biociências, Aids, cultura sexual, aborto e reprodução humana entre 1996 e 2000. A obra enfatizou a necessidade de se analisar a cobertura dos veículos em relação a saúde e que o jornalismo exerça o papel de formação da consciência do cidadão e forneça informações validadas pela comunidade científica 45.

A dissertação de Simões apresentou o tema mídia e saúde, em 28 dias de acompanhamento de seis veículos impressos (quatro jornais e duas revistas), no ano de 1997, encontrando 433 textos sobre saúde, dos quais 8% eram sobre saúde da mulher 46. Outro estudo analisou quatro meses de três revistas femininas publicadas no ano 2000, encontrando 188 textos sobre saúde da mulher e revelou que até mesmo nesse veículo específico para as mulheres permanecem lacunas em temas relevantes da epidemiologia e o espaço onde se fala em saúde é reduzido 47.

O trabalho de Amaral centrou-se num momento importante da vida da mulher, a menopausa, e concluiu que a imprensa dedicou pouco espaço a este tema e pode ser um dos responsáveis pela manutenção dos mitos que envolvem esse período de transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva 48. Outro trabalho com mais de 2600 matérias jornalísticas sobre o tema reprodução, afirmou que a maioria dos textos (65,6%) apresentaram assuntos como gravidez, contracepção, clonagem/tecnologia genética enquanto que a menopausa ocupou só 3,9% do noticiário 49. É sabido que a saúde da mulher ainda é considerada muitas vezes apenas nos aspectos reprodutivos

50. Dentro da própria academia o foco das pesquisas em saúde da mulher durante muito tempo centrou-se em temas como concepção, gravidez e parto 51 e os programas de saúde para mulheres utilizavam-na como “um meio para alcançar fins sociais, respeitáveis, mas diferentes de um benefício direto à própria mulher” 52. No Brasil, somente a partir da década de 80, com a implantação do Paism, o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, houve uma mudança na forma como a saúde da mulher era tratada, dando nova dimensão e ampliando o significado do corpo feminino na sociedade. “No contexto do Paism, as mulheres deixaram de ser vistas apenas como parideiras, e o cuidado de sua saúde não deveria mais restringir-se à atenção pré-natal, ao parto e puerpério” 52. E de fato, após a implantação do Paism, houve melhora nas orientações recebidas na maternidade, na prática da prevenção do câncer de colo uterino, auto-exame das mamas, e também na qualidade do atendimento recebido nos postos de saúde 53. Porém, ainda hoje as publicações jornalísticas brasileiras enfatizam os aspectos reprodutivos ou mesmo, temas relacionados a beleza e estética, em detrimento de temas que são relevantes para esse segmento da população, tal como informações de promoção da saúde e prevenção a doenças como câncer de mama e cardiovasculares 30.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações em saúde, quando adequadamente divulgadas pela mídia, podem contribuir para conscientizar a população, promover hábitos de vida saudáveis, prevenir doenças, e informar sobre o tratamento correto. Se feito de forma equivocada, porém, a mídia pode alarmar a população sem necessidade ou gerar falsas expectativas em torno de descobertas sem validação científica. É importante pois, avaliar a informação em saúde na mídia, já que ela deve ampliar a consciência sanitária da população. Com eficiente divulgação de saúde e envolvimento de profissionais da saúde, jornalistas e legisladores, seria possível contribuir para melhorar a qualidade de vida das mulheres, além de diminuir os gastos do governo com ações curativas e alertar aos governantes e a comunidade científica sobre os temas que merecem espaço na agenda pública. Diante disso, faz-se necessário mais investimento em pesquisa, monitoramento e sensibilização dos profissionais da saúde e da notícia, no que se refere aos temas sobre a saúde da mulher. É importante ainda que os governos tenham preocupação política com a divulgação das informações em saúde, fomentando programas e políticas de capacitação de jornalistas e pesquisadores na área da comunicação da saúde e incentivando os já existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Corcorán N. (Org). Comunicação em saúde. Estratégias para promoção da saúde. Trad. Livia Lopes. São Paulo: Roca, 2010; 67-86.
- 2- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. As Cartas da Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. [Acesso em 2013 set 10]. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf

- 3- Hansen JH. Como entender a saúde na comunicação? São Paulo: Summus; 2004.
- 4- Ramalho, M., Polino, C. & Massarani, L. Do laboratório para o horário nobre: a cobertura de ciência no principal telejornal brasileiro. *Journal of Science Communication*, 11 (2), 1-10. [Acesso em 2013 out 01]. Disponível em [http://jcom.sissa.it/archive/11/02/Jcom1102\(2012\)A02/Jcom1102\(2012\)A02_po.pdf](http://jcom.sissa.it/archive/11/02/Jcom1102(2012)A02/Jcom1102(2012)A02_po.pdf)
- 5- Nações Unidas. Declaração do Milênio. 2001 [Acesso em 2007 set 10]. Disponível em: <http://www.portaldovoluntario.org.br/press/uploadArquivos/117250707519.pdf>
- 6- Brasil. IBGE. Distribuição da população por sexo. [Acesso em 2013 out 20]. Disponível em <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-sexo>
- 7- Barroso C. A saúde da mulher no Brasil. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina; 1985.
- 8- Brasil. IBGE. Tábua completa de mortalidade. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2010/mulheres.pdf>
- 9- Brasil. IPEA. Comunicado Ipea 62. [Acesso em 2013 out 10]. Disponível em www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100923_comunicadoipea62.pdf
10. Godinho RE, Mameri CP. De que morrem as mulheres brasileiras. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. 2002 nov 4-8. [Acesso em 2007 nov 08] Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_SAU_ST35_Godinho_texto.pdf
11. Brasil. Ministério da Saúde. Temático Saúde da Mulher/Brasil. Ministério da Saúde. Painel de Indicadores do SUS 2. Brasília: OPAS, 2007
12. Parks, GC. apud Calvo Hernando M. Manual de periodismo científico. Barcelona: Bosch Casa Editorial. 1997. 242p.
13. Shuchman M, Wilkes MS. Medical scientists and health news reporting: A case of miscommunication. *Annals of Internal Medicine*. [on-line] 1997 [acesso em 13 mar 2006]; 126 (12). Disponível em: <http://www.annals.org/cgi/content/full/126/12/976> .
14. Calvo Hernando M. Manual de Periodismo Científico. Bosch, Barcelona; 1997.
15. Phillips D, Kanter EJ, Bednarczyk B, Tastad PL. Importance of the lay press in the transmission of medical knowledge to the scientific community. *NEJM* [on- line] 1991 [acesso em 27 mar 2006]; 325 (16). Disponível em: <http://content.nejm.org/cgi/content/abstract/325/16/1180> .

16. Nelkin D. Una relación difícil: las tensiones entre la medicina y los medios de comunicación. In: Pini P, De Semir V, Turney J, Turow J, Wilkie T, Altman LK, et al. Medicina y medios de comunicación. Traducción al español de una serie publicada en la revista The Lancet. Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve; 1997. p. 1600-3.
17. Wallack L. Improving Health promotion. In: Atkin C, Wallack L. Mass communication and public health. Londres: A Sage Focus Edition; 1990: 147 – 63.
18. Massarani, L., Chagas, C., Ramalho, M., & Reznik, G. (2013). Saúde aos domingos: uma análise da cobertura da pesquisa em medicina & saúde no Fantástico-DOI: 10.3395/reciis. v7i1. 706pt. RECIIS, 7(1).
19. Castro PC. A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids: os discursos de Veja e IstoÉ nas décadas de 1980 e 1990. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; 2005 Set 05-09; Rio de Janeiro, Brasil. CD ROOM.
20. Gonçalves EH, Varandas R. O papel da mídia na prevenção do HIV Aids e a representação da mulher no contexto da epidemia. Cien Saúde Coletiva 2005; 10 (1): 229-35.
21. Spink MJP et al. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(4):851-862, jul-ago, 2001. [Acesso em 03 abr 2007] Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v17n4/5291.pdf>
22. Barata RCB. Saúde e direito a informação. Cad Saúde Pública 1990; 6 (4) : 385- 99.
23. França E, Abreu D, Siqueira M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. Cad Saúde Pública 2004; 20(5):1334-41.
24. Serra GMA, Santos EM. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. Ciênc saúde coletiva. [on-line] 2003 [acesso em 02 de abr de 2006]; 8 (3) . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000300004&lng=pt&nrm=iso .
25. Chaud DMA, Marchioni DML. Nutrição e mídia: uma combinação às vezes indigesta. Hig Aliment 2004;18(116/117):18-22.
26. Noto AR, Baptista MC, Faria ST, Nappo AS, Galduróz JCF, Carlini, EA . Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. Cad Saúde Pública 2003; 19 (1): 69-79.
27. Lefèvre F. Jornal, saúde, doença, consumo Viagra e Saia Justa. Interface - Comunic Saúde Educ 1999; 3 (4) 63-72.
28. Xavir C. Mídia e saúde, saúde na mídia. In A. Santos (Org.). Caderno mídia e saúde pública ISSN 1982-8829 Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 8(4), 287-297, dez, 2014//

. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED. 2006. pp. 43-55. [Acesso em 2013 mai 01]
Disponível em ploads/2009/06/caderno_midia_e_saude_publica.pdf.

29. Epstein I. Comunicação de massa para a saúde: esboço de uma agenda midiática. Revista latinoamericana de Ciências de La comunicación 5(8-9):132-142, 2008. [Acesso em 2013 mar 07]
Disponível em http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r8-9/art_06.pdf.

30. Oliveira MS, Costa Paiva LH, Costa JV, Pinto Neto AM.. Imprensa e Saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras. Revista do Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação . São Paulo, v 32, n 1, p. 109-128,jan-jun - 2009a. [Acesso em 2013 mai 01]
Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/240/233>.

31. Weston LC, Ruggiero JA. The popular approach to women`s health issues: a content analysis of women`s magazines in the 1970`s. Women & health 1986;10 (4): 47-62.

32. Moyer CA, Vishnu LO, Sonnad SS. Providing health information to women. The role of magazines. International Journal of Technology Assessment in Health Care 2001; 17: 137-45.

33. Revuelta G, Alonso I, Tomas S, Guerrero M, Rohlfs I. Género y salud en la prensa diaria. Revista Quark 2003; 27 (jan-mar) : 14 – 23.

34. Solana MYM. Mujer, prevención y comunicación: modelos de intervención. IN: CUESTA U, GASPAS S e UGARTE A. **Comunicación y salud**. Estratégias y experiencias en prevención, promoción y educación para la salud. Espanha: Editorial Fragua, 2012; p. 39 - 54.

35. Lopes F e Fernandes I. À procura de uma vibrante esfera pública da saúde através da análise da imprensa portuguesa. In: Marinho, S., Ruão, T., Lopes, F., Pinto-Coelho, Z. & Fernandes, L. (eds.) (2012) . Olhares Cruzados sobre Comunicação na Saúde: relatório de um debate. Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/cecs_ebooks/article/view/1459

36. Sefcovic EMI. Hysterectomy. What the popular press said (1986-1992). In: Parrot RL, Condit CM, ed. Evaluating Women`s Health Messages: A Resource Book. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc; 1996. p. 370-81.

37. Condit CM. Media bias for reproductive technologies. In: Parrot RL, Condit CM, ed. Evaluating Women`s Health Messages: A Resource Book. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc; 1996. p. 341 –355.

38. Kalbfleish PJ, Bonnell KH, Harris TM. Media Portrayals of womens menstrual healt issues. In: Parrot RL, Condit CM, ed. Evaluating Women`s Health Messages: A Resource Book. Thousand

Oaks, Calif: Sage Publications, Inc; 1996. p. 341-55.

39. Amaral MC. Mulheres, imprensa e higienização: a medicalização do parto na Bahia (1910-1927). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.927-944. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n4/03.pdf>

40. Oxman AD, Guyatt GH, Cook DJ, Jaeschke R, Heddle N, Keller J. An index of scientific quality for health reports in the lay press. *J Clin Epidemiol*. 1993; 46:987- 1001.

41. Biondo E, Khoury M. Información de salud en la prensa diaria argentina: adaptación al español y validación del cuestionario Index of Scientific Quality para medir su calidad. *Biomédica* 2005; 25:366-76.

42. Montane E, Duran M, Capellà D, Figueras A. Scientific drug information in newspapers: sensationalism and low quality. The example of therapeutic use of cannabionoids. *Eur J Ckin Phanrmacol* 2005; 61: 475-7.

43. Oliveira MS, Costa Paiva LH, Costa JV, Pinto Neto AM. Adaptação para o português de questionário de avaliação da informação científica em saúde na imprensa (Index of Scientific Quality). *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.* [online]. 2009, vol.31, n.12 [Acesso em 2013 out 21], pp. 592-597 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032009001200003&lng=en&nrm=iso>.

44. Oliveira MS, Costa Paiva LH, Costa JV, Pinto Neto AM. Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais. *Interface (Botucatu)* , v.13, n.30, p.7-16, 2009b. [Acesso em 2013 mai 01] Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000300002 .

45. Oliveira F, Galvão J, Greenhalgh L, Rios LF, Pazello M, Citeli MT, Corrêa S. Olhar sobre a mídia. BH: Mazza edições; 2002. p. 184-213.

46. Simões, LM. A saúde na imprensa brasileira. [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2000.

47. Brito MFD. Saúde da Mulher na Imprensa Feminina. [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2001.

48. Amaral ICGA. Abordagem da menopausa em textos jornalísticos veiculados em revistas de atualidades. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2005.

49. Citeli MT. A reprodução humana na pauta dos jornais brasileiros (1996 -2000). In: Oliveira F, Galvão J, Greenhalgh L, Rios LF, Pazello M, Citeli MT, Corrêa S. Olhar sobre a mídia. BH: Mazza edições; 2002. p. 184-213.

50. Torrens, RMM. Impacto de las actividades de promoción de la salud en la mujer. Corrigiendo desigualdades. In: La salud de las mujeres hacia la igualdad de género en salud I Congreso Nacional; 2002 mai 9-10; Murcia. Madrid: Instituto de la mujer .

51. Gannon L, Stevens J, Stecker T. A content analysis of obstetrics and gynecology scholarship: implications for women`s health. *Women & health* 1997; 26 (2):41-55.

52. Faundes A. Del Cairo y Beijing al Cusco. In: Hardy E, org. Memórias de la Asociación Latinoamericana de Investigadores en reproducción humana (Alirh). Campinas, SP: Hortografica; 2000.

53. Osis MJMD. Paism: um marco na abordagem da saúde reprodutiva no Brasil. *Cad Saúde Pública* 1998; 14 (supl 1): 25-32.

54. Bacha AM. Avaliação da implantação do PAISM no estado de São Paulo no período 1987-1990. [Tese-Doutorado] Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 1997.

Artigo apresentado em 23-08-14

Artigo aprovado em 20-09-14

Artigo publicado no sistema em 28-12-14